

ANTOLOGIA
1981-2004



Jornal Arquitectos / Publicação Trimestral do Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos / Portugal / 218-219 / Janeiro a Junho 2005/ € 10.00



EDITORES

Jorge Figueira | Jorge Nunes | Ana Vaz Milheiro | Manuel Graça Dias

Mário Duque

Macau e o desejo do tempo anacrónico

[JA 163, SETEMBRO 1996, P.25]

A memória da cidade constrói-se pelo somatório das experiências do quotidiano ou pelas manifestações dessas vivências que necessariamente tiveram expressão num suporte físico, na substância da cidade. A manutenção desse suporte é desejável, mas preservar será principalmente criar mecanismos catalisadores da cultura da cidade que permitam esse reconhecimento colectivo para a necessária continuidade e recuperação do seu próprio discurso. Sem sombra de dúvida foi o século XX que mais marcou Macau – por o que era e deixou de ser, por o que passou a ser, e por o que ainda é. As transformações na cidade foram muitas, ou antes os seus tempos foram bruscos e por isso resultaram intensas, sem oportunidade para cuidar do seu próprio discurso. Mas se esta é a grande marca, ainda não é neste tempo que a cidade se define porque não tem tempo nem maturidade para isso.

Aí surge a nostalgia da cidade, que não sendo propriamente um refúgio rendido de uma ausência no presente, terá razões sentidas e será mais a necessidade do prolongamento afectivo das manifestações da memória que transportam conteúdo à cidade.

O desespero surge na prioridade em devolver os aspectos particulares da memória da cidade construindo nela apenas os sinais da sua representação – como um desejo da cidade ser nesse tempo reconhecida, mais do que se reconhecer na sua contemporaneidade.

Essa representação da cidade, por recurso ao seu simulacro mimético, saudoso, como que em desespero da busca de um tempo perdido, resulta estranha e tendencialmente imperfeita, porque a capacidade da simulação corresponde exactamente aos limites da capacidade da apreensão. Os sinais poderão ser reconhecíveis mas são de alguma forma vazios, porque haverá sempre qualquer *coisa* de importante que não se abrangeu. Essa mesma *coisa* importante que a sincronia de um discurso necessariamente teria atingido, e sem esforço, como tudo o que surge no seu tempo e se socorre da energia do momento.

O discurso da memória das memórias também não faz parte dos modelos que explicam a transformação das cidades, nem mesmo da sua salvaguarda, e o estabelecimento desse discurso estará necessariamente em oposição ao engenho, até ao que poderia presidir à sua reabilitação, como se já não houvesse mais nada a emprender ou inventar, e a cidade tivesse fechado o seu ciclo e esgotado a sua gramática, e só por isso empobrecido nos seus sinais expressivos.

Os seus visitantes – de curto ou longo prazo, como sempre foram compulsivamente os ocupantes desta cidade – poder-se-ão satisfazer pela impressão de conviver com os sinais da memória da cidade, mas esses serão visitantes distraídos, porque não perceberam que esses sinais são aparências, e tudo o que registaram foi menos do que é possível imprimir no papel da sua fotografia, se bem que para isso bastaria um *decor* fotográfico ou um parque temático que lhes satisfizesse o seu enquadramento temporário de protagonistas numa cidade.